



Austrália, ouve falar da história e decide fazer um artigo sobre Dundee. A jovem urbana se encontra com o dândi das selvas — um novo Jim das Selvas, bronzeadíssimo, de jaqueta de couro de crocodilo e modos imprevisíveis — e o romance começa.

Hipnotizando um búfalo selvagem, fingindo que faz a barba com um facão, que descobre o horário pela posição do Sol e participando de rituais aborígenes, Dundee é um misto de fraude e autenticidade. Sue, a jovem liberada de Nova

York, o considera uma simpatia, mas quer provar que pode cuidar de si mesma, ainda que esteja no meio da selva. Quando um enorme crocodilo a ataca, é Dundee quem corre em seu socorro e a salva. Na selva, Dundee é o soberano. Ele pode não ter opinião sobre a questão nuclear — como quer Sue — e achar que as disputas entre aborígenes e colonos pela propriedade da terra não têm sentido (“É a mesma coisa que duas pulgas disputando a posse de um cachorro”, diz), mas ninguém o ultrapassa quando a sobrevivência está em questão.

Fascinada com o tipo exótico, Sue convence Dundee a viajar com ela até Nova York. É a selva que ela domina e conhece a fundo, enquanto Dundee, que nunca viu mais de quarenta pessoas juntas, trava contato com escadas rolantes, elevadores e bidês. Como na mais recente versão de Tazã, Greystoke, Dundee é o ser estranho levado ao coração da civilização. Com a diferença, agora, de que *Crocodilo Dundee* é uma comédia que ironiza os costumes dos supostos civilizados. Herói com um mínimo de caráter, Dundee tenta cumprimentar todas as pessoas que vê pela rua em Nova York, certifica-se de que um travesti não é uma mulher pelo método direto e briga para que não se digam palavrões na frente de duas moças — ainda que as moças sejam prostitutas. Instintivo e ingênuo, Dundee dá socos em quem não gosta, cura a depressão com bebedeiras e diz que quem tem problemas psicológicos deve procurar os amigos e não os psiquiatras. Na selva da cidade, a sua simplicidade triunfa. Sem dúvida, uma conclusão ingênua e simplista. Mas o humor e a expressão perenemente sonsa de Hogan como Dundee fazem de *Crocodilo* um filme encantador, uma comédia leve e divertida.

MÁRIO SÉRGIO CONTI **Transformers: brutos e barulhentos**

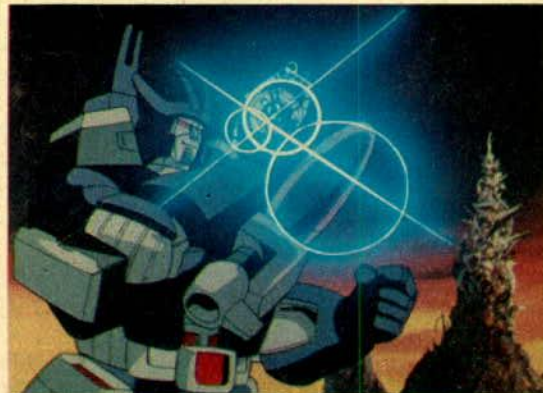
## Robôs de briga

Muita violência em Transformers

Quando os japoneses criaram uma linha de robôs que se transformavam em carrinhos não podiam imaginar que o sucesso do brinquedo entre as crianças inspiraria duas minisséries, um programa diário para televisão e até um filme com a derradeira participação do falecido ator e diretor americano Orson Welles. Os transformers também já se tornaram familiares às crianças brasileiras, que, se ainda não assistiram aos desenhos exibidos pela Rede Globo aos domingos, certamente conhecem os brinquedos lançados pela Estrela no começo do ano passado. Nesta semana, *Transformers — O Filme* (*The Transformers — The Movie*, EUA, 1985) chega às telas brasileiras, mas sem o principal atrativo para o público adulto: a célebre voz de Orson Welles, que se perdeu na dublagem para o português.

No ano 2005, os Autobots e os Decepticons (os bons e maus transformers, respectivamente) decidem unir as suas forças contra o terrível Unicron (que tinha a voz de Welles), um robô que perambulava pelo universo devorando os planetas e seus habitantes. Ao preparar seus exércitos contra Unicron, os Autobots são surpreendidos por um ataque dos Decepticons em que milhares de transformers são destruídos. O diretor e co-produtor Nelson Shin — que dirigiu *O Incrível Hulk* para a TV americana — conseguiu dar ao desenho uma boa animação, mas exagerou na violência das cenas. É certo que as crianças de hoje são diferentes das contemporâneas dos clássicos de Walt Disney, mas isso não assegura, automaticamente, que elas apreciem 86 minutos de brigas, destruições e mortes incessantes. Nem tanto barulho: os efeitos sonoros, que no começo do desenho são até interessantes, acabam por transformar o filme numa barulhenta máquina de fliperama.

LINA DE ALBUQUERQUE



TRANSFORMERS O FILME

## Dândi da selva

Boa comédia australiana em Crocodilo Dundee

Não só na Austrália mas também nos Estados Unidos os crocodilos estão batendo os cangurus em popularidade. Especificamente, apenas um crocodilo, criado e encarnado pelo ator australiano Paul Hogan, conseguiu a proeza: na Austrália, o seu filme foi assistido por um público ainda maior que o de *E.T.*, de Steven Spielberg, e nos Estados Unidos a mesma fita, que estreou em outubro passado, já arrecadou mais de 100 milhões de dólares nos cinemas, cerca de 1,5 bilhão de cruzados, tornando-se o filme estrangeiro de maior sucesso no mercado americano. O filme é *Crocodilo Dundee* (“*Crocodile*” Dundee, Austrália, 1986), que entra em cartaz no Rio de Janeiro nesta quinta-feira e na próxima semana em São Paulo e nas cidades do ABC. O crocodilo, no caso, não pertence à família dos antipáticos animais que costumavam atazanar a vida de Tazã no cinema. No filme, ele é quase um Tazã australiano, um símbolo nacional eschachado, irônico, malandro e engraçado.

**ELEVADORES E BIDÊS** — Com argumento de Paul Hogan e direção de Peter Faiman, *Crocodilo Dundee* conta a história aventureira do matuto australiano Mick “Crocodilo” Dundee (Hogan), um caçador que nunca saiu de sua cidadezinha. Na região, corre a lenda do último feito de Dundee — um crocodilo gigantesco arrancou meia perna do caçador, foi morto em seguida e Dundee salvou-se, percorrendo centenas de quilômetros de pântanos infestados por cobras. Sue Charlton (Linda Kozlowski), repórter nova-iorquina em viagem pela